

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CC (AA) ANTONIO LOPES DOS SANTOS FILHO

**IMPACTO DAS SANÇÕES ECONÔMICAS NA CRISE UCRANIANA  
DE 2022:**

**Coerção Estratégica, Adaptações Geopolíticas da Rússia e o Papel  
da Estratégia Não-Militar**

Rio de Janeiro

2024

CC (AA) ANTONIO LOPES DOS SANTOS FILHO

**IMPACTO DAS SANÇÕES ECONÔMICAS NA CRISE UCRANIANA  
DE 2022:**

**Coerção Estratégica, Adaptações Geopolíticas da Rússia e o Papel  
da Estratégia Não-Militar**

Monografia apresentada à Escola de  
Guerra Naval, como requisito parcial para  
a conclusão do Curso Superior.

Orientador: CMG (RM1-FN) Alexandre  
Ricciardi dos Reis

Rio de Janeiro  
Escola de Guerra Naval  
2024

## **DECLARAÇÃO DA NÃO EXISTÊNCIA DE APROPRIAÇÃO INTELECTUAL IRREGULAR**

Declaro que este trabalho acadêmico: a) corresponde ao resultado de investigação por mim desenvolvida, enquanto discente da Escola de Guerra Naval (EGN); b) é um trabalho original, ou seja, que não foi por mim anteriormente utilizado para fins acadêmicos ou quaisquer outros; c) é inédito, isto é, não foi ainda objeto de publicação; e d) é de minha integral e exclusiva autoria.

Declaro também que tenho ciência de que a utilização de ideias ou palavras de autoria de outrem, sem a devida identificação da fonte, e o uso de recursos de inteligência artificial no processo de escrita constituem grave falta ética, moral, legal e disciplinar. Ademais, assumo o compromisso de que este trabalho possa, a qualquer tempo, ser analisado para verificação de sua originalidade e ineditismo, por meio de ferramentas de detecção de similaridades ou por profissionais qualificados.

Os direitos morais e patrimoniais deste trabalho acadêmico, nos termos da Lei 9.610/1998, pertencem ao seu Autor, sendo vedado o uso comercial sem prévia autorização. É permitida a transcrição parcial de textos do trabalho, ou mencioná-los, para comentários e citações, desde que seja feita a referência bibliográfica completa.

Os conceitos e ideias expressas neste trabalho acadêmico são de responsabilidade do Autor e não retratam qualquer orientação institucional da EGN ou da Marinha do Brasil.

Assinatura digital gov.br

## **AGRADECIMENTOS**

Este trabalho não seria possível sem o apoio e a contribuição de várias pessoas, às quais gostaria de expressar minha profunda gratidão.

Primeiramente, agradeço a Deus por me dar forças e sabedoria ao longo deste percurso. Agradeço também à minha esposa Larissa, meus filhos Artur e Miguel, pelo amor incondicional e paciência, vocês foram meus maiores incentivadores nesta difícil empreitada.

Ao Capitão de Mar e Guerra (RM1-FN) Alexandre Ricciardi dos Reis, meu orientador, por me ter guiado ao longo de todo este percurso. Sou profundamente grato pelos seus ensinamentos, conselhos valiosos e paciência, imprescindíveis para que eu concluísse este trabalho.

Por fim, agradeço ao corpo docente da Escola de Guerra Naval, por toda dedicação e apoio. Faço uma menção especial à Equipe de Metodologia da Pesquisa, CMG (RM1-T) Chiara e SO (Refº-ET) Rodrigues, que não mediram esforços para sanar dúvidas, auxiliar na direção da minha pesquisa e aprimorar a produção deste estudo.

## RESUMO

A invasão da Ucrânia pela Rússia em fevereiro de 2022 levou potências ocidentais a impor sanções econômicas rigorosas como resposta não militar, com o intuito de isolar a Rússia comercialmente e evitar uma escalada nuclear. Impostas pelos Estados Unidos da América, União Europeia, Reino Unido, Austrália, Canadá e Japão, as sanções visavam enfraquecer a economia russa e desencorajar a agressão militar. O objetivo desta pesquisa foi analisar o impacto e a eficácia das sanções econômicas como ferramentas de coerção estratégica durante a invasão russa da Ucrânia em 2022, com foco no conceito de estratégia não-militar e seu papel na estratégia contemporânea, além de identificar as principais sanções aplicadas, seus objetivos geopolíticos e as respostas estratégicas da Rússia a essas medidas. Esse estudo revelou que, embora as sanções tenham causado um impacto significativo, a Rússia conseguiu adaptar suas estratégias para mitigar esses efeitos. Para o Brasil, as lições aprendidas destacam a necessidade urgente de uma estratégia de defesa mais bem definida, com aumento na alocação orçamentária e modernização das Forças Armadas. É essencial melhorar o envolvimento político e societal na formulação e implementação das políticas de defesa. Ademais, a comparação entre Rússia e Brasil evidencia a necessidade de políticas industriais robustas. A Rússia mostrou resiliência às sanções, enquanto o Brasil ainda luta para superar sua dependência econômica. Para promover um crescimento sustentável, o Brasil deve aprimorar suas políticas industriais e de inovação, aprendendo com a adaptação russa. A metodologia utilizada foi exploratória e descritiva, com análise qualitativa baseada em pesquisa documental. Neste estudo, as bases teóricas incluem teorias de coerção estratégica, sanções econômicas, segurança internacional e relações internacionais, além dos conceitos de estratégia militar e não-militar.

**Palavras-chave:** Sanções econômicas. Coerção estratégica. Invasão russa à Ucrânia. Estratégia não-militar.

## ABSTRACT

### **IMPACT OF ECONOMIC SANCTIONS ON THE 2022 UKRAINIAN CRISIS: Strategic Coercion, Russia's Geopolitical Adaptations and the Role of Non- Military Strategy**

Russia's invasion of Ukraine in February 2022 led Western powers to impose strict economic sanctions as a non-military response, with the aim of isolating Russia commercially and avoiding nuclear escalation. Imposed by the United States of America, the European Union, the United Kingdom, Australia, Canada, and Japan, the sanctions aimed to weaken the Russian economy and discourage military aggression. The objective of this research was to analyze the impact and effectiveness of economic sanctions as tools of strategic coercion during the Russian invasion of Ukraine in 2022, focusing on the concept of non-military strategy and its role in contemporary strategy, in addition to identifying the main sanctions applied, their geopolitical objectives, and Russia's strategic responses to these measures. This study revealed that, although the sanctions had a significant impact, Russia managed to adapt its strategies to mitigate these effects. For Brazil, the lessons learned highlight the urgent need for a better-defined defense strategy, with an increase in budget allocation and modernization of the Armed Forces. It is essential to improve political and societal engagement in the formulation and implementation of defense policies. Furthermore, the comparison between Russia and Brazil highlights the need for robust industrial policies. Russia has shown resilience to sanctions, while Brazil is still struggling to overcome its economic dependence. To promote sustainable growth, Brazil must improve its industrial and innovation policies, learning from Russia's adaptation. The methodology used was exploratory and descriptive, with qualitative analysis based on documentary research. In this study, the theoretical bases include theories of strategic coercion, economic sanctions, international security and international relations, in addition to the concept of non-military strategy.

**Keywords:** Economic sanctions. Strategic coercion. Russian invasion of Ukraine. Non-military strategy.

## LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 -	Sanções econômicas impostas à Rússia, organizadas por setor.....	15
QUADRO 2 -	Principais empresas que suspenderam ou deixaram a Rússia de 2022 até 2024.....	18

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>07</b>
<b>2</b>	<b>O CENÁRIO POLÍTICO E A INVASÃO DA RÚSSIA NA UCRÂNIA.....</b>	<b>09</b>
2.1	CONTEXTO HISTÓRICO E POLÍTICO DAS RELAÇÕES RÚSSIA-UCRÂNIA.....	09
2.2	FATORES DESENCADEANTES DA INVASÃO RUSSA.....	10
2.3	ANÁLISE DAS PRIMEIRAS AÇÕES MILITARES RUSSAS.....	12
<b>3</b>	<b>ESTRATÉGIA E ESTRATÉGIA NÃO-MILITAR.....</b>	<b>13</b>
3.1	DEFINIÇÃO E CONCEITOS DE ESTRATÉGIA.....	13
3.2	ESTRATÉGIA NÃO-MILITAR.....	14
<b>4</b>	<b>SANÇÕES E RESPOSTAS RUSSAS.....</b>	<b>15</b>
4.1	DESCRIÇÃO DAS SANÇÕES IMPOSTAS À RÚSSIA.....	15
4.2	IMPACTOS ECONÔMICOS DAS SANÇÕES NA RÚSSIA.....	21
4.3	ESTRATÉGIAS E POLÍTICAS ADOTADAS POR VLADIMIR PUTIN PARA PROTEGER A ECONOMIA RUSSA.....	22
<b>5</b>	<b>ANÁLISE DA EFICÁCIA DAS MEDIDAS E RELEVÂNCIA PARA O BRASIL.....</b>	<b>24</b>
5.1	AVALIAÇÃO DA EFICÁCIA DAS MEDIDAS ADOTADAS FRENTE A ADAPTAÇÃO RUSSA.....	24
5.2	LIÇÕES APRENDIDAS E IMPLICAÇÕES PARA A FORMULAÇÃO DE ESTRATÉGIAS BRASILEIRAS FUTURAS.....	27
5.2.1	Estratégias de defesa.....	27
5.2.2	Estratégias econômicas e industriais.....	29
5.2.3	Resiliência russa.....	31
<b>6</b>	<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>33</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>35</b>



## 1 INTRODUÇÃO

Em fevereiro de 2022, as tensões entre a Federação Russa e a Ucrânia culminaram em uma contundente ação militar russa na província de *Donbas*, marcando o início da invasão do território ucraniano. O movimento militar perpetrado pela Federação Russa teve como efeito final desejado a derrubada do governo de *Volodymyr Zelensky* e conseqüentemente barrar o ingresso à Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN). De forma a responder às pretensões russas, as potências ocidentais valeram-se como represália a tentativa de isolamento comercial da Rússia, em especial do seu território de influência.

A escolha por uma resposta coordenada, global e não-militar, liderada pelos Estados Unidos da América (EUA), União Europeia (UE) e seus aliados reflete uma preocupação paradoxal com o problema da manutenção da paz, presente no pensamento estratégico contemporâneo. Essa abordagem busca evitar os efeitos catastróficos de conflitos entre superpotências, tais como a “mundialização dos problemas e a bipolarização” (Couto, 1982, p.118).

Embora o conflito entre a Rússia e a Ucrânia possa parecer um conflito interno, ele é ampliado e manipulado pelas superpotências, assumindo proporções mundiais. Para evitar uma escalada que possa levar a um confronto nuclear, a estratégia não-militar, como o uso de medidas econômicas, surge como uma ferramenta crucial na gestão de conflitos e manutenção da paz (Couto, 1982).

Segundo *Corbett*<sup>1</sup>, a estratégia é “a arte de dirigir a força até os fins a alcançar” (Corbett, *apud* Coutau-Begarie, 2010). O reconhecimento da eficácia de estratégias não-militares, como a asfixia econômica, revela seu poder de enfraquecer uma nação através de medidas como a paralisação da produção, manipulação de preços e restrições de crédito (Couto, 1982). Dessa forma, as sanções econômicas emergem como instrumentos contemporâneos de coerção estratégica e manutenção da paz.

A invasão da Ucrânia pela Rússia representou um ponto de inflexão nas relações internacionais. Dados do Conselho Europeu indicam que, embora sanções econômicas já fossem aplicadas à Rússia desde 2015, após a anexação da Crimeia e o descumprimento dos acordos de *Minsk*, em 2022, essas sanções atingiram níveis

---

<sup>1</sup> Historiador naval britânico e geoestrategista do final do século XIX e início do século XX (Corbett, *apud* Coutau-Begarie, 2010).

sem precedentes, com mais de 16,5 mil sanções<sup>2</sup> impostas por EUA, Reino Unido (RU), UE, Austrália, Canadá e Japão. Compreender como nações utilizam mecanismos econômicos para influenciar comportamentos internacionais sem recorrer a conflitos armados é de suma importância.

Nesse contexto, essa pesquisa buscou analisar o impacto e eficiência das sanções econômicas como ferramentas de coerção estratégica durante a invasão russa à Ucrânia em 2022, avaliando a resposta da Rússia às pressões econômicas e sua adaptação a um cenário adverso. O conhecimento aqui gerado pode ser utilizado como exemplo para o desenvolvimento de estratégias brasileiras que antecipem e neutralizem táticas adversárias semelhantes, contribuindo para uma defesa mais eficaz.

Com foco nas principais sanções econômicas impostas à Rússia, no marco temporal do ano de 2022, este estudo explora como a implementação dessa estratégia não-militar foi projetada como coerção e represália às atividades militares agressivas da Rússia, de forma a dissuadir o avanço russo no território ucraniano. Uma questão verificada foi a investigação da eficácia dessas sanções, mediante o exame dos impactos econômicos diretos e colaterais na economia do país, bem como nas estratégias adaptativas que o país desenvolveu em resposta.

As questões de pesquisa deste estudo incluem: quais as sanções econômicas foram medidas eficientes de estratégia não-militar para dissuadir a Rússia nas ações ofensivas no contexto da invasão à Ucrânia em 2022? quais foram as principais estratégias adotadas pelo governo russo para enfrentar os desafios criados pelas sanções e minimizar seus impactos negativos na economia do país? quais aprendizados podem ser assinalados a partir do entendimento da resiliência e das vulnerabilidades russas como potência global diante de pressões econômicas para cenários brasileiros futuros?

A apresentação do presente trabalho está organizada em seis seções, incluindo esta introdução, seguindo-se da segunda seção, onde é apresentado o cenário político que culminou com a invasão da Rússia na Ucrânia e as primeiras ações militares russas.

---

<sup>2</sup> BBC. **As novas sanções contra a Rússia — e como essa estratégia está afetando a economia do país**. 2024. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cjk6dkke58zo>. Acesso em: 22 jul. 2024.

Na terceira seção são descritas as primeiras sanções impostas à Rússia durante o ano de 2022, seus desdobramentos na economia e quais estratégias e políticas adotadas pelo presidente Vladimir Putin para proteger a economia russa.

Na quarta seção são abordados os conceitos de estratégia, estratégia não-militar e seu papel dentro da estratégia contemporânea como ferramenta dissuasória.

Na quinta seção é analisado, por meio de dados econômicos, a eficácia das medidas adotadas frente a adaptação Russa e qual o aprendizado e relevância para futuras estratégias brasileiras. E por fim, a conclusão, seguida das referências utilizadas.

Para alcançar os objetivos delineados, foi conduzida uma revisão de literatura, visando à obtenção de conhecimentos para aprofundar a compreensão da eficácia das sanções econômicas enquanto instrumentos de coerção estratégica e seu lugar dentro da estratégia contemporânea. Especificamente, o estudo se concentra em verificar as sanções impostas à Rússia no ano de 2022 como represália à invasão ao território ucraniano.

## **2. O CENÁRIO POLÍTICO E A INVASÃO DA RÚSSIA NA UCRÂNIA**

A invasão da Ucrânia pela Rússia, em 24 de fevereiro de 2022, foi um momento decisivo nas relações internacionais e na segurança mundial. No capítulo 2 analisa-se o contexto histórico de domínio russo e soviético sobre a Ucrânia, os fatores que motivaram a agressão, as primeiras ações militares russas, além das respostas da Ucrânia e da comunidade internacional.

### **2.1 Contexto histórico e político das relações Rússia-Ucrânia**

A civilização russa se originou na atual Ucrânia, no chamado Estado *Kievano* (ou *Rus'*), que existiu entre os séculos IX e XIII. Naquela época, não havia distinção entre russos, ucranianos e bielorrussos, juntos, formavam o ramo dos eslavos orientais. O Estado *Kievano* era politicamente desunido e, no século XII, começou a se desintegrar. Entre os séculos XIII e XV, a região foi conquistada pelos mongóis. Após o domínio mongol, o destino de russos e ucranianos divergiu significativamente. Os russos formaram um Estado centrado em Moscou e, a partir do século XVI, sob

Ivan IV, Moscóvia iniciou a construção do grande *império czarista* (Segrillo, 2023).

O domínio russo expandiu-se ainda mais no final do século XVIII sob Catarina II. No século XIX, a repressão ao nacionalismo ucraniano pela Rússia levou os nacionalistas a buscar apoio no Império Austro-Húngaro. Após a Primeira Guerra Mundial, a Ucrânia foi dividida entre a República Socialista Soviética da Ucrânia e outros países (Loureiro, 2023).

A República Socialista Soviética da Ucrânia conseguiu incorporar os territórios ocidentais da Ucrânia apenas após a II Guerra Mundial. Com a vitória no conflito, Stalin transferiu as partes ocidentais históricas da Ucrânia, que estavam sob domínio da Polônia, Romênia e Hungria, para a República soviética ucraniana, e em 1954, *Khrushchev* transferiu a Crimeia para a Ucrânia (Segrillo, 2023).

Na década de 1980, a URSS (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas) enfrentava crises internas significativas, levando à independência da Ucrânia em 1991. Desde então, o país tem buscado estabelecer uma identidade nacional independente e aproximar-se do Ocidente, o que tem gerado tensões com a Rússia (Giudice *et al.*, 2023).

Após a independência, a Ucrânia passou por mudanças políticas e sociais significativas, com diversos governos tentando equilibrar suas relações com a Rússia e com o Ocidente. A revolução “Laranja” (2004) e o “*EuroMaidan*” (2013-2014) foram marcos importantes, refletindo o crescente desejo da população ucraniana de se distanciar da influência russa e se integrar com a UE e outras instituições ocidentais (Ferreira, 2016).

A anexação da Crimeia pela Rússia em 21 de março de 2014 e o início do conflito no leste da Ucrânia, com a formação de repúblicas autoproclamadas no *Donbas*, intensificaram o rompimento entre os dois países. Desde então, as tensões aumentaram, com acusações de apoio militar da Rússia aos separatistas (Konrad; Lourenção, 2019).

## **2.2 Fatores desencadeantes da invasão russa**

A invasão russa da Ucrânia em fevereiro de 2022 foi o resultado de uma série de fatores que se acumularam ao longo dos anos. Entre os principais fatores que levaram a essa ação estava o crescente distanciamento da Ucrânia da esfera de influência russa e sua associação com a OTAN e a UE. A Rússia manifestou

preocupações contínuas sobre a expansão da OTAN para o leste e a possibilidade de que a Ucrânia se tornasse um membro da aliança militar ocidental (Souza, 2022).

A expansão da OTAN para o Leste Europeu, após o fim da Guerra Fria, sempre foi um ponto de tensão entre o Ocidente, especialmente os EUA, e a Rússia. Os ocidentais defendiam que os países ex-socialistas do Leste Europeu tinham o direito de escolher suas alianças. Por outro lado, os representantes russos argumentavam que a OTAN, sendo uma aliança militar criada contra a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas durante a Guerra Fria, não deveria se expandir ou sequer existir, uma vez que tanto a Guerra Fria quanto a URSS já não existiam (Segrillo, 2024).

Além disso, a Rússia alegou a necessidade de proteger a população de etnia russa e os russos étnicos na Ucrânia, especialmente no leste do país, como justificativa para suas ações militares. As propagandas enganosas também desempenharam um papel importante na construção de uma narrativa que sustentasse a intervenção militar para uma parte significativa da população russa (Souza, 2023).

Se analisar através da perspectiva pós-soviética, a Rússia demonstra como objetivos: proteger os russos étnicos que se encontram fora do país, sobretudo em países fronteiriços, principalmente nos países como Ucrânia, Belarus, países Bálticos, Uzbequistão e ao norte do Cazaquistão. Prezando a defesa de interesses dessas comunidades russas étnicas sendo caracterizadas como atuações de forma oficial e não oficial, e simplificação de processo de cidadania. Ou seja, há uma tentativa de sustentar uma hegemonia geopolítica russa na região, por isso a presença marcante do país em disputas territoriais, como também o avanço de inserções de bases militares e missões de paz russas (Souza, 2023, p. 36).

Outros fatores incluíram questões internas na Rússia, como a necessidade de desviar a atenção de problemas econômicos e políticos domésticos, além de reforçar a posição do *Kremlin* no cenário interno. A demonstração de força militar também pode ser interpretada como uma tentativa de reafirmar o domínio da Rússia na região e desafiar a legitimidade da atual ordem internacional liberal e promover uma ordem alternativa baseada em esferas de influência. Com a Rússia perdendo influência, o conflito trouxe o *Kremlin* de volta ao centro das atenções internacionais. A recusa de *Putin* em negociar diretamente com *Zelensky* e a tentativa de envolver os EUA visavam reafirmar a liderança russa, no entanto, a Rússia foi condenada como agressora, os EUA apoiaram fortemente a Ucrânia e a invasão fortaleceram a OTAN

e a UE (Dias, 2023).

### **2.3 Análise das primeiras ações militares russas**

As primeiras ações militares russas na Ucrânia foram caracterizadas por uma rápida invasão e captura de territórios estratégicos. No entanto, o plano russo de invasão, baseado em investidas longas e rápidas, acabou estendendo excessivamente suas linhas de suprimento. Embora a logística simplificada funcione em ações rápidas, deixa pouca margem para erros em operações prolongadas (Kilian Junior, 2022).

As forças russas iniciaram uma ofensiva em várias frentes, com ataques coordenados em áreas-chave e a tentativa de tomar rapidamente grandes centros urbanos e instalações militares (Marques, 2023).

De acordo com Kilian Junior (2022), a Rússia empregou uma combinação de táticas militares, como ataques nos domínios terrestres e aéreos e guerra eletrônica, com o objetivo de desestabilizar a Ucrânia e enfraquecer sua capacidade de resistência. No entanto, a tentativa inicial de uma rápida vitória foi frustrada pela resistência ucraniana.

Os russos buscaram obter superioridade aérea com uma intensa campanha de bombardeios de mísseis nas primeiras horas do dia 24 de fevereiro, visando destruir os radares de alerta antecipado da Ucrânia e danificar pistas de táxi em bases aéreas. Mais de 1.000 mísseis balísticos foram lançados, atingindo radares e baterias de mísseis S-300P<sup>3</sup> e SA-11 BUK<sup>4</sup>. Na primeira semana da invasão, a Rússia também empregou equipamentos de interferência eletrônica E-96M, que foram eficazes em neutralizar a defesa aérea terrestre ucraniana, com impacto significativo no norte da Ucrânia (Machado; Silva, 2023).

A resposta internacional também foi rápida, com uma série de sanções, e suporte militar e humanitário vindo de diversos países e organizações internacionais. O apoio incluiu o envio de armamentos, acolhimento de refugiados e ajuda econômica para auxiliar a resistência à invasão, embora a resistência não seja efetivamente

---

<sup>3</sup> O S-300P SAM (Software Asset Management) é um dos sistemas SAM operacionais mais avançados e capazes do mundo hoje (MACHADO; SILVA, 2023).

<sup>4</sup> O sucessor de Tikhomirov para o 2K12 é o sistema 9K37 Buk / SA-11 GADFLY SAM empregando o míssil 9M38 (MACHADO; SILVA, 2023).

combatida (Maia; Sá Junior, 2022).

### 3. ESTRATÉGIA E ESTRATÉGIA NÃO-MILITAR

No capítulo 3 investiga-se a definição e os princípios fundamentais da estratégia, destacando a crescente importância da estratégia não-militar. Além disso, analisa como a estratégia não-militar atua como uma ferramenta dissuasória e sua integração com estratégias militares, oferecendo uma abordagem abrangente para enfrentar desafios mundiais.

#### 3.1 Definição e conceitos de estratégia

O conceito de estratégia, derivado do grego “*stratos*” (exército) e “*agein*” (conduzir), teve sua origem como a arte de comandar um exército e evoluiu para abranger a liderança em geral. Na Grécia antiga, a estratégia não se restringia ao combate, mas envolvia também o movimento e a gestão do exército, refletindo uma prática dinâmica e adaptável. Associada aos termos “*strategema*” e “*stratagème*”, que denotavam métodos para superar obstáculos, a estratégia valoriza a inteligência e a capacidade de adaptação (Coutau-Bégarie, 2010).

A partir de 1820-1830, a estratégia passou a ser compreendida como uma disciplina complexa e distinta para diferentes níveis de comando. Após o período de 1870-71, a reflexão sobre estratégia intensificou-se, incorporando aspectos como as paixões nacionais e segmentando a estratégia em dimensões política, diplomática e militar (Coutau-Bégarie, 2010).

A Primeira Guerra Mundial expandiu o conceito estratégico para incluir elementos como a mobilização econômica e a propaganda. Na década de 1920, adotou-se uma abordagem integrada que incorporava aspectos militares, políticos e econômicos, destacando-se os conceitos de “guerra total” e “grande estratégia”. Após a Segunda Guerra Mundial, surgiram termos como “estratégia global” e “estratégia nacional”, refletindo a aplicação da estratégia em diversas esferas (Coutau-Bégarie, 2010).

Segundo a *Join Doctrine Note* (2018), a estratégia é definida como o uso coordenado do poder nacional para exercer controle sobre pessoas, lugares e eventos com o objetivo de alcançar interesses e políticas nacionais. O desafio reside em

alinhar diversos instrumentos de poder de forma inteligente e integrada. De acordo com essa doutrina, uma estratégia bem elaborada é essencial para garantir que as ações sejam intencionais e eficazes, prevenindo incoerências e possíveis ineficácias.

### **3.2 Estratégia não-militar**

A diplomacia preventiva, baseada nos princípios da Carta das Nações Unidas, visa evitar a escalada de conflitos por meio de uma gama de instrumentos e atividades. A Organização das Nações Unidas (ONU) desempenha um papel essencial na prevenção e resolução de disputas internacionais e bilaterais, evidenciado por documentos como a Agenda para a Paz (1992), seu adendo (1995) e as conclusões do Conselho de Segurança (2001), que destacam a importância de processos de longo prazo para a construção da paz (Pavleski, 2021).

O Artigo 41 da Carta das Nações Unidas refere-se a medidas que podem ser tomadas pelo Conselho de Segurança na implementação das suas decisões e que não envolvem o uso da força militar.

O Conselho de Segurança decidirá sobre as medidas que, sem envolver o emprego de forças armadas, deverão ser tomadas para tornar efetivas suas decisões e poderá convidar os membros das Nações Unidas a aplicarem tais medidas. Estas poderão incluir a interrupção completa ou parcial das relações econômicas, dos meios de comunicação ferroviários, marítimos, aéreos, postais, telegráficos, radiofônicos, ou de outra qualquer espécie e o rompimento das relações diplomáticas (Brasil, 1945, p. 27).

Essas medidas podem incluir sanções econômicas, embargos e outras ações destinadas a pressionar os estados a se conformarem com as normas internacionais e resolver disputas de maneira pacífica. Projetadas para alterar o comportamento de estados ou atores sem causar danos diretos à população civil ou destruir infraestrutura, essas ações não-militares buscam soluções que evitam o uso da força armada (Lemos, 2023).

A eficácia da estratégia não-militar está intimamente ligada à coordenação e cooperação entre diversos atores internacionais e regionais. Esse esforço conjunto é crucial para promover a estabilidade e a segurança global. Embora a abordagem não-militar não elimine completamente o risco de conflito, ela oferece alternativas viáveis e frequentemente mais sustentáveis do que a força militar, focando na resolução



pacífica e na prevenção de crises (Allen, 2022).

#### **4. SANÇÕES E RESPOSTAS RUSSAS**

A Rússia enfrentou sanções econômicas em resposta à invasão da Ucrânia em 2022. No capítulo 4 examinam-se as sanções impostas por diversos blocos econômicos e países, as dificuldades para empresas e população russa, além das estratégias de Vladimir Putin para mitigar os efeitos das sanções.

##### **4.1 Descrição das sanções impostas à Rússia**

A invasão da Ucrânia pela Rússia, em fevereiro de 2022, desencadeou uma série de sanções internacionais que complementam as medidas já aplicadas desde 2014.

Segundo Martins (2023), as sanções econômicas são ferramentas utilizadas por países ou blocos de países para influenciar o comportamento de outros estados, regimes ou indivíduos, que violam tratados ou ameaçam a segurança global. Elas incluem embargos, congelamento de ativos, restrições comerciais e viagens, proibição de vendas de armas, entre outros. Exemplos históricos incluem as sanções impostas por Atenas a Mégara em 433 a.C. e, mais recentemente, sanções contra Cuba, Rússia e Irã.

O uso das sanções se intensificou após a Guerra Fria, com as sanções financeiras sendo as mais comuns nos últimos anos. As sanções também são eficazes em promover democracia e proteger direitos humanos, embora tenham menos sucesso em resolver conflitos territoriais e combater o terrorismo. Organizações como a ONU (Organização das Nações Unidas) e a UE se destacam pela aplicação bem-sucedida dessas medidas, que são instrumentos cruciais na diplomacia internacional (Martins, 2023).

Segundo Costa e Esteves (2023), o objetivo das sanções econômicas é infligir graves consequências à Rússia e impedir a continuidade da agressão. As sanções individuais visam aqueles responsáveis pelo apoio e execução de ações que afetam a integridade territorial e a soberania da Ucrânia. Além disso, a UE também impôs sanções contra a Bielorrússia, o Irã e a Coreia do Norte devido ao apoio militar à Rússia, bem como contra pessoas e entidades relacionadas à deterioração dos

direitos humanos na Rússia e à morte de *Alexei Navalny*.

Em resposta à anexação da Crimeia e à não aplicação dos Acordos de Minsk, a UE impôs sanções econômicas que afetaram setores específicos da economia russa. Em março de 2015, as sanções foram alinhadas com a aplicação dos Acordos de Minsk, prevista para dezembro de 2015, mas como essa aplicação não ocorreu, o Conselho prorrogou as sanções até julho de 2016 (Marques, 2023; Conselho da União Europeia, 2024).

Desde então, as sanções têm sido renovadas a cada seis meses e estão vigentes até julho de 2025. Com a invasão em larga escala da Ucrânia em 2022, a UE intensificou as medidas, que agora incluem restrições aos setores financeiro, energia, de transportes, de defesa e tecnologia, comércio de matérias-primas e outros bens e serviços (Quadro 1), além de atingir a Bielorrússia e o Irã devido à sua colaboração com a Rússia e ao fornecimento de *drones* (Marques, 2023; Conselho da União Europeia, 2024).

As sanções foram aplicadas por diversos países e blocos econômicos ao longo do ano, incluindo ações da UE, dos EUA, do Reino Unido e de outros aliados ocidentais (Costa, 2023; Souza; Zuquim, 2023).

No Quadro 1 demonstra-se como as sanções foram alinhadas para atingir setores estratégicos da economia russa, destacando a coordenação internacional, especialmente por parte da UE, em limitar a capacidade de ação da Rússia em múltiplas frentes.

De acordo com o Conselho da União Europeia (2024), o setor financeiro foi um dos mais atingidos, com a proibição de acesso ao *SWIFT*<sup>5</sup> para dez bancos russos e quatro bielorrussos. Essa medida dificulta consideravelmente as transações financeiras internacionais e limita o comércio exterior. O *SWIFT*, que conecta mais de 11.000 instituições financeiras ao redor do mundo, é fundamental para a troca de informações entre bancos, sendo um dos pilares do sistema financeiro global (Nogueira, 2023).

Além disso, houve a proibição do uso do sistema *SPFS*<sup>6</sup>, restrição ao acesso

---

<sup>5</sup> “*Society for Worldwide Interbank Financial Telecommunication*” é um serviço de mensagens que facilita o intercâmbio de informações entre bancos e outras instituições financeiras (CONSELHO DA UNIÃO EUROPEIA, 2024).

<sup>6</sup> “*System for Transfer of Financial Messages*” é um equivalente russo do sistema de transferência financeira *SWIFT*, desenvolvido pelo Banco Central da Rússia (CONSELHO DA UNIÃO EUROPEIA, 2024).

aos mercados financeiros e de capitais da União Europeia, e a proibição de transações com o Banco Central da Rússia, afetando a capacidade de estabilização econômica (Conselho da União Europeia, 2024).

Quadro 1 - Sanções econômicas impostas a Rússia, organizadas por setor

<b>Setor</b>	<b>Sanções</b>
<b>Financeiro</b>	Proibição de acesso ao <i>SWIFT</i> para dez bancos russos; Proibição do uso do <i>SPFS</i> ; restrição de acesso aos mercados financeiros e de capitais da União Europeia (UE); proibição de transações com o Banco Central da Rússia; proibição do fornecimento de notas em euros à Rússia; proibição de serviços de carteiras de criptoativos a cidadãos russos.
<b>Energia</b>	Proibição da importação de petróleo e carvão da Rússia; limite máximo de preço para transporte marítimo de petróleo russo; proibição do gás propano liquefeito; proibição da exportação de bens e tecnologias para refinação de petróleo; proibição de novos investimentos nos setores de energia e mineração da Rússia; proibição de capacidade de armazenamento de gás e serviços de recarga de gás natural liquefeito (GNL) na UE; proibição de novos investimentos em projetos de GNL em construção.
<b>Transportes</b>	Encerramento do espaço aéreo da UE para aeronaves russas; proibição de entrada na UE para operadores de transportes rodoviários russos; proibição de circulação de reboques e semirreboques registrados na Rússia; encerramento de portos da UE para navios russos; proibição de transporte marítimo de petróleo russo para países terceiros; proibição de acesso aos portos da UE para navios que efetuam transbordos de navio a navio; proibição da exportação de bens e tecnologias para setores espacial, marítimo e da aviação.
<b>Defesa e Tecnologia</b>	Proibição de exportações de bens e tecnologias de dupla utilização para uso militar; proibição de exportações de semicondutores, componentes eletrônicos e óticos, motores para <i>drones</i> etc; proibição de exportações de armas, munições, veículos militares e equipamentos paramilitares; proibição de produtos químicos, baterias de lítio e termostatos.
<b>Comércio de Matérias-Primas e Outros Bens</b>	Proibição de exportações de artigos de luxo para a Rússia e importações de aço, ferro, madeira, produtos do mar, diamantes e outros bens.
<b>Serviços</b>	Proibição de serviços de carteiras de criptoativos, arquitetura, engenharia, consultoria, publicidade, etc; proibição de <i>software</i> para gestão empresarial e <i>design</i> industrial.

Fonte: Conselho da União Europeia, 2024.

A proibição de fornecimento de notas em euros à Rússia e a restrição dos serviços de carteiras de criptoativos para cidadãos russos demonstram esforços para limitar o uso de alternativas financeiras, dificultando ainda mais o acesso à moeda forte e sistemas financeiros internacionais (Conselho da União Europeia, 2024).

No setor energético, as sanções incluem a proibição da exportação de petróleo bruto e de determinados produtos petrolíferos para a UE, quando transportados por via marítima, além da implementação do mecanismo de limite de preços estabelecido pelo G7<sup>7</sup>. Essas medidas reduzem de maneira significativa as receitas da Rússia provenientes da exportação de energia, comprometendo, assim, o desenvolvimento a longo prazo desse setor. Adicionalmente, a proibição do armazenamento de gás e dos serviços de recarga de gás natural liquefeito (GNL) na UE, assim como os investimentos em novos projetos de GNL, prejudicam a infraestrutura energética russa e limitam sua expansão no mercado europeu (Costa, Esteves, 2023).

O setor de transportes também foi amplamente impactado, com o encerramento do espaço aéreo da UE para aeronaves russas, forçando a Rússia a redirecionar voos e encarecendo o transporte de bens e pessoas. As proibições de entrada na União Europeia para operadores de transportes rodoviários russos e de circulação de reboques e semirreboques registrados na Rússia dificultam a logística terrestre. No transporte marítimo, o fechamento dos portos da UE para navios russos e a proibição de transbordo de navio a navio criam sérios obstáculos ao comércio internacional. Adicionalmente, a proibição de exportação de bens e tecnologias para os setores espacial, marítimo e da aviação impede a Rússia de acessar tecnologias essenciais para o desenvolvimento desses setores (Conselho da União Europeia, 2024).

No setor de defesa e tecnologia, as sanções focam em enfraquecer a capacidade militar russa, com a proibição de exportação de bens e tecnologias de dupla utilização que poderiam ser empregadas para fins militares. A proibição de exportações de semicondutores, componentes eletrônicos, ópticos e motores para *drones*, somada à proibição de armas, munições e veículos militares, enfraquece as forças armadas russas. Além disso, a restrição de produtos químicos, baterias de lítio

---

<sup>7</sup> Abreviação de “Grupo dos Sete”, uma organização de líderes de algumas das maiores economias do mundo: Canadá, França, Alemanha, Itália, Japão, Reino Unido e Estados Unidos da América (COSTA, ESTEVES, 2023).

e termostatos afeta negativamente tanto a produção industrial quanto a militar (Costa, Esteves, 2023).

As sanções relacionadas ao comércio de matérias-primas e outros bens também têm impacto significativo. A proibição de exportação de artigos de luxo para a Rússia busca pressionar a elite do país, enquanto a proibição de importação de aço, ferro, madeira, produtos do mar e diamantes afeta diretamente a balança comercial russa, reduzindo as receitas obtidas por esses produtos (Duckenfield, 2022).

O setor de serviços foi atingido com a proibição de carteiras de criptoativos, além de serviços de arquitetura, engenharia, consultoria e publicidade (Costa, Esteves, 2023).

A “Bomba Dólar”<sup>8</sup> foi aplicada de forma parcial contra a Rússia, devido à importância do país no fornecimento global de petróleo. A desconexão total poderia causar danos graves ao comércio e à economia internacional, pois não havia uma capacidade imediata de substituir a oferta russa. Assim, os países ocidentais optaram por permitir que a Rússia continuasse a exportar petróleo, mas para mercados alternativos (Torres Filho, 2024).

Diante das dificuldades para conduzir negócios na Rússia, devido à proibição ou restrição de sistemas de pagamento, bancos e transações pelos Estados Unidos da América e seus aliados, muitos grandes conglomerados internacionais anunciaram a suspensão de suas atividades no país (Quadro 2) (Conselho da União Europeia, 2024).

No Quadro 2, apresenta-se uma cronologia das principais empresas internacionais que suspenderam ou encerraram suas atividades na Rússia entre 2022 e 2024, em resposta às sanções econômicas. As decisões dessas corporações estão diretamente relacionadas às dificuldades operacionais no país, sobretudo a impossibilidade de realizar transações financeiras em meio a proibições impostas sobre bancos e sistemas de pagamento.

Segundo o Conselho da União Europeia (2024), a suspensão de atividades por conglomerados multinacionais teve início já em 2022, afetando diversos setores estratégicos, como o automotivo, energético, e de tecnologia. Empresas como

---

<sup>8</sup> A “bomba dólar” consiste na interdição pelos Estados Unidos da América, junto a todos os atores internacionais - governos, empresas e bancos, americanos ou não, de fazerem uso da sua moeda, o dólar, para realizar suas transações financeiras com qualquer entidade direta ou indiretamente vinculada a um país específico (TORRES FILHO, 2024, p.3).

*Renault*, *BP (British Petroleum)*, e *Apple* foram algumas das primeiras a interromper suas operações. A saída simultânea de várias empresas em múltiplos setores, como *Volvo*, *HSBC (Hong Kong and Shanghai Banking Corporation)*, *GM (General Motors Corporation)*, e *Visa*, demonstra o impacto transversal das restrições, atingindo desde indústrias de manufatura até o setor financeiro e de serviços.

A sequência de suspensões em 2022 revela o caráter sistêmico das sanções, conforme companhias globais de tecnologia e consumo também optaram por cessar suas operações. Empresas como *Microsoft*, *Netflix*, e *McDonald's* destacam o impacto não apenas nas indústrias tradicionais, mas também nas plataformas digitais e no varejo. A saída de gigantes como *IKEA (Ingvar Kamprad Elmtaryd Agunnaryd)* e *Pfizer* acrescenta outra dimensão ao problema, afetando setores fundamentais para a economia doméstica russa, como o farmacêutico e o varejo (Conselho da União Europeia, 2024).

Quadro 2 - Principais empresas que suspenderam ou deixaram a Rússia de 2022 até 2024

<b>Ano</b>	<b>Setor</b>	<b>Empresa</b>
2022	Automotivo	<i>Renault</i>
2022	Energia	<i>BP</i>
2022	Automotivo, Finanças	<i>Volvo, HSBC, GM</i>
2022	Diversos	<i>Apple, Nokia, Total, BMW, Ford, Boeing, Visa, Mastercard</i>
2022	Diversos	<i>Spotify, Alphabet, Exxon, Airbus, Toyota, AE</i>
2022	Automotivo, consumo	<i>Volkswagen, Nike</i>
2022	Consumo, tecnologia	<i>Airbnb, Microsoft</i>
2022	Consumo, tecnologia	<i>Danone, Netflix, TikTok</i>
2022	Energia, consumo	<i>Shell, McDonald's, Yum Brands, Starbucks</i>
2022	Consumo	<i>Heineken, Calsberg</i>
2022	Varejo	<i>IKEA</i>
2022	Farmacêutico	<i>Pfizer</i>
2023	Tecnologia	<i>Microsoft</i>
2023	Automotivo	<i>General Motors</i>
2023	Alimentação	<i>PepsiCo</i>
2024	Energia	<i>Shell</i>
2024	Financeiro	<i>Mastercard</i>

Fonte: Conselho da União Europeia, 2024.

Em 2023, a retirada de empresas continuou, com destaque para setores como

alimentação e automotivo, com a *PepsiCo* e *General Motors*. A redução progressiva no número de novas empresas deixando o país sugere que grande parte das corporações já havia tomado uma decisão até o final de 2022, concentrando a maior parte dos impactos iniciais naquele ano. Entretanto, algumas operações ainda persistiram até 2023 e 2024, principalmente em setores críticos como energia e financeiro, com *Shell* e *Mastercard* entre as últimas a suspender suas atividades (Conselho da União Europeia, 2024).

#### 4.2 Impactos econômicos das sanções na Rússia

As sanções impostas em 2022 tiveram um impacto profundo na economia russa, afetando diversos setores e provocando uma série de desafios. As restrições internacionais influenciaram a economia russa, com foco em indicadores-chave como crescimento econômico, inflação, desemprego e balança comercial (Costa, 2023).

As medidas restritivas afetaram setores-chave da economia russa, incluindo finanças, energia, metalurgia ferrosa, mineração, eletrônica, engenharia e transportes. Quase todos os instrumentos de sanções possíveis foram empregues, incluindo o bloqueio de sanções financeiras, proibições de investimentos, controle às exportações e importações, bloqueios de transporte (Costa; Esteves, 2023, p. 99).

As sanções refletiram na redução das reservas internacionais da Rússia, na desvalorização da moeda russa, o *rublo* e na piora das condições de vida para muitos russos (Nogueira, 2023; Torres Filho, 2024).

Essas sanções econômicas resultaram em inflação, aumento dos preços das *commodities* e queda do PIB russo. Embora o uso de criptomoedas como alternativa tenha sido limitado, as sanções sobre o petróleo, incluindo o teto de preço do G7, mostraram-se menos eficazes, uma vez que a Rússia conseguiu vender petróleo acima desse limite (Costa; Esteves, 2023).

Em 2022, a Rússia continuou a importar semicondutores, *drones* e peças, com um aumento de mais de 34% nas importações de microprocessadores. A limitação na exportação de alguns produtos russos levou a descontos para compradores alternativos e ao aumento das importações de petróleo bruto russo pela Índia e Turquia. Enquanto países que proibiram produtos petrolíferos russos recorreram a essas nações para adquiri-los (Babina, 2023).

Pesquisadores do “*Chief Executive Leadership Institute*” da Universidade de Yale revelam que a situação econômica da Rússia é muito mais grave do que a narrativa oficial do *Kremlin* sugere. O estudo indica que as sanções enfraqueceram significativamente a Rússia, demonstrando a determinação e a unidade ocidental. Essas sanções têm degradado as capacidades militares russas e asfixiado sua economia e setor de energia. No entanto, as restrições às importações de energia chegaram tarde ou ainda estão pendentes, permitindo à Rússia encontrar novos clientes e estabelecer rotas alternativas (Sonnenfeld *et al.*, 2022).

Estima-se que o impacto negativo das sanções na economia russa seja de 8–10% do PIB (Produto interno bruto), enquanto para os países remetentes é de 0,5% do PIB. A economia russa pode parcialmente compensar esses efeitos negativos com seus recursos disponíveis a médio e longo prazo. Os efeitos mais severos ocorrerão se o regime de sanções for mantido a longo prazo (Allen, 2022).

Apesar das sanções, a Rússia conseguiu manter um volume significativo de transações em moeda estrangeira e redirecionou seu petróleo para mercados não tradicionais, como o Brasil. Internamente, o país evitou o pânico financeiro, controlou a taxa de câmbio e a inflação, e supriu a escassez de produtos com importações da China (Costa; Esteves, 2023).

A rápida implementação das sanções revelou que tanto os EUA quanto a Rússia já haviam preparado suas estratégias antes do início do conflito. No entanto, os impactos econômicos das sanções foram menos severos do que o previsto, devido em grande parte à cooperação dos parceiros comerciais da Rússia e à resposta complacente das autoridades ocidentais (Torres filho, 2024).

### **4.3 Estratégias e políticas adotadas por Vladimir Putin para proteger a economia russa**

Diante das sanções e da crescente pressão econômica, o presidente Vladimir Putin instituiu diversas estratégias e políticas para mitigar os efeitos negativos e proteger a economia russa. Entre as principais ações adotadas pelo *Kremlin* estão a implementação de políticas de substituição de importações e a diversificação dos parceiros comerciais. O governo russo reforçou relações econômicas com países fora do Ocidente, como China, Índia e Turquia, estabelecendo novos acordos econômicos para compensar a perda de mercados ocidentais (Lemos, 2023).



Outra estratégia crucial foi a promoção da autossuficiência, investindo significativamente em iniciativas para aumentar a produção doméstica de alimentos, tecnologia e outros bens essenciais. Programas específicos foram desenvolvidos para fortalecer a produção interna de semicondutores e *drones*, reduzindo a dependência de importações e aumentando a resiliência econômica (Reis, 2023).

Vladimir Putin tentou impactar as economias ocidentais, especialmente as europeias, ao reduzir ou interromper o fornecimento de gás. Essa estratégia visava aumentar os preços da energia, o que elevava os custos de produção e impulsionava a inflação, contribuindo para uma recessão econômica. O aumento das taxas de juros, uma resposta ao crescimento da inflação, dificultava os empréstimos e agravava a recessão. *Putin* explorou a dependência dos países europeus em relação à dívida crescente e ao crédito para sustentar seu crescimento econômico (IBER, 2022).

No setor energético, o país investiu em novas rotas e mercados, buscando acordos bilaterais e contratos de longo prazo com nações não sancionadas. A expansão da infraestrutura para exportar energia para a Ásia e outros mercados emergentes tornou-se uma prioridade (Silva, 2022).

Além disso, medidas foram implementadas para controlar a saída de capitais e reforçar as reservas internacionais, e para promover o uso de criptomoedas e sistemas alternativos de pagamento, visando contornar as restrições bancárias internacionais (Tostes; Thomaz, 2022).

*Putin* identificou uma fraqueza na economia ocidental, que era a confiança excessiva nas suas moedas e o aumento das dívidas para compensar o crescimento fraco. Isso forçava os bancos centrais a elevar as taxas de juros para manter a confiança nas moedas, resultando em recessão. Os Estados ocidentais enfrentaram a escolha entre assumir mais dívidas para combater a recessão ou suportar a recessão para reduzir a inflação (IBER, 2022).

Para estimular a produção interna e minimizar o impacto das sanções, foram oferecidos subsídios e apoio a setores-chave da economia, substituindo importações e garantindo a continuidade das operações (Silva, 2022).

O aumento das taxas de juros contribuiu para controlar a inflação, enquanto medidas foram adotadas para estabilizar o *rublo*. Além disso, o governo forneceu suporte financeiro e regulatório a empresas estratégicas, especialmente nos setores de energia e defesa, para assegurar que pudessem continuar operando e competindo no mercado global (Lemos, 2023).

*Putin* acreditava que o sistema capitalista, baseado em dívidas e valores fictícios, deveria ser substituído por uma "economia de valores reais", fundamentada em recursos energéticos. No entanto, críticos argumentaram que a proposta de substituir o dinheiro por mercadorias não era viável. As mercadorias, como petróleo e gás, tinham valor apenas porque o Ocidente pagava por elas, e a riqueza global ainda era medida em moedas, como dólares e euros (IBER, 2022).

## **5. ANÁLISE DA EFICÁCIA DAS MEDIDAS E RELEVÂNCIA PARA O BRASIL**

No quinto capítulo examinam-se as medidas da Rússia em resposta às sanções internacionais de 2022 e suas implicações para o Brasil, avalia-se a eficácia dessas medidas com base em indicadores econômicos e reflete-se sobre as lições aprendidas.

### **5.1 Avaliação da eficácia das medidas adotadas frente a adaptação Russa**

As sanções internacionais impostas à Rússia em 2022 levaram o *Kremlin* a implementar uma série de medidas econômicas e políticas para atenuar os impactos adversos e proteger a economia nacional. Para avaliar a eficácia dessas medidas, são examinados indicadores-chave, como o crescimento do produto interno bruto (PIB), a inflação, a estabilidade do *rublo* e a performance das reservas internacionais.

A resposta da Rússia às sanções impostas em 2022 reflete um esforço significativo do *Kremlin* para adaptar-se às restrições econômicas e manter a estabilidade interna. Diante de um cenário internacional hostil, o governo russo implementou uma série de políticas econômicas para mitigar os impactos dessas medidas. O controle rápido sobre o *rublo* e a reorientação do comércio externo são exemplos claros de como a Rússia tentou minimizar os danos à sua economia. No entanto, a capacidade de manter esse controle depende, em grande parte, de sua habilidade de redirecionar o fluxo de bens e serviços para novas parcerias, como as com China e Índia, que se tornaram atores centrais no comércio de petróleo russo (Torres Filho, 2023).

Os efeitos das sanções são predominantemente indiretos, afetando as características estruturais do desenvolvimento econômico. Macroeconomicamente, os impactos das sanções são significativos tanto para a Rússia quanto para a UE (Allen, 2022).

Apesar desses esforços, os efeitos das sanções são sentidos em diversos setores da economia russa. A queda inicial do produto interno bruto (PIB) em 2022, embora menor do que o previsto pelo Fundo Monetário Internacional (FMI), demonstra as dificuldades de adaptação no curto prazo, ainda que a recuperação gradativa tenha ocorrido. Além disso, o impacto nas reservas internacionais e o congelamento de ativos trouxeram uma nova realidade para a política monetária do país. A valorização do *rublo* no segundo trimestre de 2022 é um exemplo da eficácia das medidas adotadas pelo Banco Central Russo, mas essa recuperação não significa que a economia esteja completamente livre dos efeitos de longo prazo dessas sanções (Allen, 2022).

Os primeiros resultados das restrições financeiras e comerciais confirmaram as previsões dos organismos internacionais. Inicialmente, FMI projetou uma contração de -8,5% para a economia russa em 2022. No entanto, o impacto negativo mais forte ocorreu no segundo semestre de 2022, atingindo um máximo de -4,5% no terceiro trimestre, e enfraqueceu até desaparecer no primeiro semestre de 2023. O PIB de 2022, apesar de negativo, foi de -2,1%. Desde então, a economia russa voltou a crescer a uma taxa elevada, próxima a 5%. Para 2024, o FMI prevê a continuidade da recuperação econômica russa, com uma estimativa de crescimento de 2,6% (Allen, 2022; Torres Filho, 2023).

Após a invasão, o *rublo* desvalorizou quase 60% nas duas semanas iniciais devido ao pânico no mercado. No entanto, o Banco Central Russo estabilizou rapidamente a moeda, que voltou a níveis próximos aos anteriores ao conflito. No segundo trimestre de 2022, o *rublo* surpreendentemente valorizou 40% desde o início de fevereiro, atingindo 50 *rublos* por dólar (Torres Filho, 2023).

Os governos ocidentais afirmam que o congelamento das reservas internacionais da Rússia afetou cerca de 50% dos US\$ 630 bilhões detidos pelo país no final de 2021. Antes do conflito com a Ucrânia, a maior parte desses ativos fora do controle ocidental era composta por ouro no banco central russo e depósitos em moeda chinesa (Torres Filho, 2023).

A eficácia das sanções aumentou após a implementação do embargo da UE e do teto de preço do G7 em dezembro de 2022. Essas sanções alteraram os padrões

comerciais, com China e Índia substituindo a UE como principais mercados de petróleo, embora a infraestrutura limitada tenha impedido uma substituição completa dos fluxos para a Europa (Costa; Esteves, 2023).

Os esforços da Rússia para contornar as sanções foram parcialmente bem-sucedidos ao transitar mercadorias através de países do Oriente Médio e da Ásia, mas a Rússia tornou-se extremamente dependente do mercado chinês. A única chance real de sucesso para a Rússia seria se os Estados Unidos da América e seus aliados se desengajassem do conflito e parassem de apoiar a Ucrânia (Schott, 2023).

A aplicação da "Bomba Dólar" na Rússia foi apenas parcial devido à sua posição dominante no suprimento global de matérias-primas essenciais, especialmente petróleo. Uma desconexão total poderia causar danos graves ao comércio e à economia global, tornando inviável substituir a oferta russa no curto prazo. Assim, a abordagem da "Bomba Dólar" teve que ser ajustada para a Rússia, uma economia continental significativa e a décima maior do mundo, com uma participação crucial no mercado de petróleo e gás e uma posição dominante nas importações de energia da UE. Como resultado, a Rússia continuou exportando petróleo, mas direcionado a destinos fora do G7 (Torres Filho, 2024).

Embora as sanções não tenham conseguido alterar significativamente a política da Rússia ou gerar um impacto imediato relevante, elas resultaram em outras consequências. Mais de 500.000 russos, muitos com alta escolaridade ou experiência em tecnologia, deixaram o país, e mais de 1.000 empresas ocidentais se retiraram da Rússia, revertendo décadas de investimento estrangeiro (Rácz *et al.*, 2023).

Outro ponto crucial que emerge dessa análise é a reconfiguração das relações comerciais da Rússia no cenário global. A dependência crescente do mercado chinês e das rotas de comércio alternativo, como os países do Oriente Médio e Ásia, mostra que, embora a Rússia tenha conseguido contornar algumas sanções, sua economia se torna cada vez mais vulnerável a pressões externas. Isso é ainda mais evidente com a retirada de empresas ocidentais e a fuga de talentos altamente qualificados, o que pode comprometer o desenvolvimento tecnológico e industrial no longo prazo (Rácz *et al.*, 2023).

## 5.2 Lições aprendidas e implicações para a formulação de estratégias brasileiras futuras

### 5.2.1 Estratégias de defesa

A estratégia operacional da Rússia é centrada na dissuasão de agressões, empregando tanto armas nucleares quanto convencionais de alta precisão. A Rússia reserva-se o direito de usar armas nucleares em resposta a ataques nucleares, armas de destruição em massa, ou agressões convencionais que ameacem sua existência. A dissuasão nuclear é considerada uma medida extrema, cuja decisão é tomada pelo Presidente (Rússia, 2021).

A Marinha Russa desempenha um papel crucial na dissuasão estratégica, destacando-se pela alta prontidão e capacidade de operar globalmente. A estratégia naval russa foca na modernização e desenvolvimento de submarinos e navios de superfície, priorizando armas de alta precisão e mísseis hipersônicos. O Programa Estatal de Armas (PEA) estabelece planos para aquisição e modernização das Forças Armadas, com o PEA-2027 destacando a renovação de submarinos nucleares e fragatas (Olsson *et al.*, 2020).

A construção naval russa enfrenta desafios devido a sanções e à perda de estaleiros importantes após o fim da URSS. Apesar dessas dificuldades, a Rússia desenvolveu capacidades domésticas para suprir algumas necessidades e introduziu mísseis de cruzeiro hipersônicos. A frota de grandes navios está diminuindo, com uma tendência para navios menores e mais flexíveis operarem em águas costeiras, refletindo uma mudança na filosofia de construção naval (Kaushal, 2022).

Os documentos estratégicos da Rússia mostram uma inter-relação coerente e subordinada à política, seguindo uma estrutura hierárquica que reflete os princípios teóricos da estratégia, incluindo fins, métodos e meios, avaliação do ambiente e definição de riscos. Os interesses nacionais russos abrangem sobrevivência, bem-estar econômico, participação na ordem mundial e preservação de valores nacionais (Olsson *et al.*, 2020).

A estratégia russa prioriza a dissuasão nuclear e a modernização da Marinha, ressaltando a importância dos submarinos nucleares devido à sua mobilidade, ocultação e armamentos. Apesar de enfrentar dificuldades estruturais e custos elevados, a estratégia demonstra eficácia e é sustentada pela vontade nacional, evidenciada pelo

suporte político e pela conscientização popular dos riscos e da necessidade de defesa. A estratégia naval reflete tanto os princípios teóricos da estratégia quanto as percepções da neurociência sobre o papel do medo e da percepção de ameaça na formulação de políticas de defesa (Kaushal, 2022).

Comparando com o Brasil, os documentos estratégicos brasileiros não refletem os valores nacionais com a mesma clareza dos russos. Ambos seguem o modelo teórico de uma estratégia de Defesa hierárquica e cumulativa, mas o Brasil não atende completamente à premissa de que a política deve dominar a estratégia. A falta de participação política na elaboração dos documentos, as pendências na aprovação das revisões da Política Nacional de Defesa e da Estratégia Nacional de Defesa, a ausência de documentos superiores definindo objetivos nacionais e o orçamento de Defesa abaixo de 2% do PIB indicam lacunas (Silva Filho, 2022; Kaushal, 2022).

A estratégia operacional brasileira foca na dissuasão não nuclear e na construção de submarinos convencionais de propulsão nuclear, contrastando com a abordagem russa. O Brasil enfrenta desafios significativos relacionados à descontinuidade financeira e à falta de percepção das ameaças pelo poder político e pela sociedade. A teoria da Estratégia aponta que é essencial ter uma vontade nacional forte para transformar planejamentos estratégicos em ações eficazes (Silva Filho, 2022).

Além disso, diferentes abordagens quanto à interação com a sociedade são observadas nas Forças Armadas brasileiras: a Força Aérea Brasileira enfatiza a produção dual, a Marinha do Brasil valoriza o mar e seus recursos, e o Exército Brasileiro destaca a ausência de um adversário claro como um fator que afasta a sociedade dos assuntos de Defesa e impacta a distribuição de recursos orçamentários, que dependem da percepção pública das ameaças (Silva Filho, 2022; Kaushal, 2022).

Ao analisar a estratégia de defesa russa, observa-se uma combinação de poder nuclear e convencional de alta precisão, que visa a dissuasão de ataques contra o país. O emprego de submarinos nucleares e de mísseis hipersônicos reflete um esforço contínuo de modernização, mesmo diante dos desafios impostos por sanções econômicas e pela perda de estaleiros pós-URSS. Essa estratégia de defesa é sustentada pela percepção popular e pelo apoio político, mostrando um alinhamento claro entre os documentos estratégicos e os interesses nacionais russos.

Em contraste, o Brasil apresenta uma dissonância entre a formulação de sua estratégia de defesa e a percepção política e social das ameaças. Essa falta de coesão afeta diretamente a execução de políticas de longo prazo, resultando em um planejamento estratégico mais vulnerável e menos eficaz.

### 5.2.2 Estratégias econômicas e industriais

A transformação do sistema de gestão industrial na Rússia pode ser compreendida em três estágios principais. O primeiro estágio, que abrange a primeira metade da década de 1990, é caracterizado pelo declínio econômico pós-soviético. Sendo caracterizado pela tentativa de implementar reformas de mercado sem recursos adequados, resultando em hiperinflação e degradação industrial. O governo buscou a liberalização imediata dos preços, mas enfrentou dificuldades econômicas severas (Gapsalamov *et al.*, 2023).

O segundo estágio, que vai do final da década de 1990 até o início dos anos 2000, é marcado pela estabilização gradual do mercado e pela transformação da economia em um modelo de capitalismo de estado. Após a crise de 1998, o governo de *E. Primakov* focou na estabilização e no desenvolvimento de um sistema de gestão que combinava mercado e controle estatal. Houve consolidação de empresas e retorno ao planejamento estatal de médio e longo prazo (Gapsalamov *et al.*, 2023).

O terceiro estágio, que se estende de 2000 até o presente, é caracterizado pela aplicação de diversas ferramentas e mecanismos para o desenvolvimento da atividade socioeconômica. O planejamento estratégico de longo prazo, a melhoria da estrutura setorial e territorial da economia, e a adoção de métodos modernos de gestão, como produção enxuta e automação, foram fundamentais. O estado desempenha um papel significativo por meio de suporte direto e indireto, incluindo a criação de corporações estatais em setores estratégicos como a extração de recursos hídricos, a indústria nuclear e a tecnologia da informação. O PIB da Rússia cresceu 14% de 2000 a 2020, mas ainda há uma lacuna entre o crescimento da renda per capita e do PIB, indicando uma alta centralização no controle dos recursos econômicos (Gapsalamov *et al.*, 2023).

Por outro lado, a industrialização brasileira, embora tenha conhecido períodos de crescimento e modernização, sempre foi marcada por uma dependência tecnológica e de capital estrangeiro, além de oscilações nas políticas de incentivo. Durante o

século XX, especialmente sob a égide do desenvolvimentismo, o Brasil buscou acelerar seu processo de industrialização, mas o modelo adotado foi, em grande parte, baseado na substituição de importações e na produção de bens de consumo, sem consolidar uma indústria de base tecnológica robusta. Esse desenvolvimento industrial foi insuficiente para romper com o subdesenvolvimento, pois não houve a criação de um setor industrial suficientemente diversificado e autossuficiente (Vieira, 2021).

Essa fragilidade foi agravada por fatores como a desindustrialização, a crescente dependência de *commodities* e a falta de inovação tecnológica. O Brasil passou a depender de exportações de matérias-primas e produtos agrícolas, enquanto sua capacidade industrial foi enfraquecida pela globalização e pela concorrência internacional. A falta de uma política industrial consistente e de longo prazo, aliada a problemas de infraestrutura, qualificação da mão de obra e à volatilidade econômica, também contribuíram para esse declínio (Bianconi; Coutinho, 2019).

A análise de Furtado sobre a "formação nacional" e a visão crítica do retorno a uma lógica neocolonial se aplica diretamente a essa questão. Como mencionado no texto de Furtado (2007), o Brasil parece incapaz de construir uma base industrial que sustente o crescimento autônomo e o bem-estar social. Assim, o "horizonte de expectativas" industrial se encurtou, e as perspectivas de uma reforma verdadeira do sistema econômico deram lugar à gestão de uma crise permanente, que se manifesta na dependência econômica, falta de inovação e fragilidade industrial (Vieira, 2021).

No âmbito econômico, a Rússia mostrou uma resiliência notável diante das sanções internacionais, especialmente após a invasão da Ucrânia. A adoção de medidas para diversificar a economia e fortalecer setores como tecnologia e agricultura permitiu que o país minimizasse os impactos das restrições impostas pelos países ocidentais. O governo russo redirecionou suas exportações para mercados alternativos, como a China e a Índia, e estabeleceu parcerias estratégicas que garantiram o fluxo contínuo de recursos econômicos e tecnológicos essenciais para sua base industrial. Esse movimento contrasta com a trajetória brasileira, que, apesar de esforços históricos de industrialização, enfrenta uma crescente dependência de *commodities* e uma desindustrialização acelerada. O Brasil ainda carece de uma política industrial consistente que o permita competir em um cenário global cada vez mais tecnológico e dinâmico.



### 5.2.3 Resiliência Russa

A eficácia das sanções econômicas contra a Rússia tem gerado dúvidas. Apesar dos esforços da União Europeia e dos Estados Unidos da América para conter a agressão russa na Ucrânia com restrições econômicas, a economia russa, que passou por mudanças desde o fim da Guerra Fria e a desintegração da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, demonstra resiliência (Tacola, 2024).

As estratégias econômicas e industriais da Rússia, em resposta às sanções e pressões globais, visam diversificar e fortalecer a economia. O governo russo tem implementado medidas para reduzir a dependência de petróleo e gás, promovendo setores como agricultura, tecnologia e manufatura. A modernização da indústria e a criação de *startups* tecnológicas são prioridades, assim como o fortalecimento da capacidade industrial, especialmente em defesa e alta tecnologia. A Rússia também está expandindo parcerias econômicas com países não ocidentais para compensar a redução das trocas comerciais com o Ocidente. Além disso, o país adota uma política monetária e fiscal conservadora para manter a estabilidade econômica (Stepanov *et al.*, 2022).

A capacidade da Rússia de resistir às sanções impostas pela comunidade internacional, especialmente após a invasão da Ucrânia, deve-se em grande parte à sua base industrial sólida e à sua posição como exportadora de produtos essenciais, especialmente no setor energético (Torres Filho, 2024).

A chegada de Vladimir Putin ao poder e suas estratégias, como a anexação da Crimeia, também influenciam esse cenário (Konrad; Lourenção, 2019; Lemos, 2023).

Inicialmente, previu-se uma contração econômica acentuada, mas a queda do PIB em 2022 foi de -2,1%, e a economia voltou a crescer em 2023. O *rublo*, após uma desvalorização inicial de 60%, foi estabilizado pelo Banco Central Russo (Torres Filho, 2024).

A Rússia possui uma infraestrutura industrial que sustenta sua economia, além de ser uma grande exportadora de petróleo e gás natural para países europeus e outras nações. Essa dependência dos recursos energéticos russos, mesmo em meio às sanções, permite que o país continue gerando receitas significativas (Costa, 2023).

A principal estratégia da Rússia para combater as sanções foi redirecionar suas exportações para países não alinhados com as sanções, como Índia e China, aumentando os fornecimentos para esses mercados (Babina, 2023; Lemos, 2023).

Dados mostram que, apesar das sanções, a Rússia ainda importa produtos de países como China, Irã e Turquia, embora de forma limitada. A China se tornou uma importante fornecedora de bens e um destino para as exportações de petróleo e gás da Rússia, mas não tem compensado completamente a perda de mercado ocidental. Além disso, a Rússia tenta minimizar o impacto das sanções desviando recursos e utilizando estratégias para contornar os limites impostos, como contratos de petróleo subfaturados e sobrecarga de custos (Schott, 2023).

Em relação à produção militar, a Rússia conseguiu manter sua capacidade industrial com a colaboração de países como a China, que fornece *chips* e componentes eletrônicos essenciais (Costa, Esteves, 2023).

Conforme relatado pela Agência Internacional de Energia, a Rússia continua exportando 8,3 milhões de barris de petróleo por dia. Além disso, as sanções impostas pelo G7, como o limite de preço sobre o petróleo, têm sido contornadas com a ajuda de uma "frota fantasma" de cerca de mil navios-tanque que transportam petróleo russo para o mercado internacional (Costa; Esteves, 2023).

Apesar dos limites de preço estabelecidos pelo G7 não terem impedido totalmente a exportação de petróleo russo, eles têm reduzido as receitas fiscais do país. A Rússia ainda pode reduzir suas exportações para aumentar os preços, mas isso poderia afastar seus principais clientes, China e Índia, para outros fornecedores (Schott, 2023).

Embora as sanções possam ser eficazes em alguns contextos, elas nem sempre alcançam os objetivos desejados devido a fatores como falta de cooperação internacional, capacidade de evasão das sanções e impactos negativos na população (Tacola, 2024).

À medida que a história das sanções contra a Rússia continua a se desenrolar, é essencial que os formuladores de políticas ocidentais avaliem e integrem as lições aprendidas dessa experiência. Os grandes poderes, como Rússia e China, são amplamente integrados nos mercados globais de *commodities*, bens e finanças. Essa integração, somada a seu tamanho econômico e ao poder político e militar, torna-os menos vulneráveis à coerção econômica. Esses países possuem recursos significativos para atenuar os impactos econômicos das sanções, adotar contramedidas contra os países que as impõem e utilizar sua influência política para atrair apoio internacional (Schott, 2023).

A resistência russa às sanções internacionais destaca a força de sua

infraestrutura industrial, especialmente no setor energético. A capacidade do país de continuar exportando petróleo e gás natural, mesmo sob pesadas restrições, reflete não apenas sua posição estratégica no mercado global de energia, mas também a habilidade de se adaptar às pressões externas. A Rússia tem contado com a "frota fantasma" para manter suas exportações de petróleo, enquanto explora o potencial de cooperação com países não ocidentais. Esse exemplo de adaptação ressalta a importância de uma base econômica diversificada e da capacidade de mobilizar recursos industriais para garantir a resiliência nacional frente a crises.

## 6 CONCLUSÃO

O estudo respondeu adequadamente à pergunta proposta. A análise realizada ao longo deste estudo proporciona uma visão abrangente sobre os principais aspectos da invasão russa da Ucrânia em 2022 e suas implicações mais amplas. A pesquisa alcançou seus objetivos ao esclarecer o impacto e a eficácia das sanções econômicas, explorar o conceito de estratégia não-militar e detalhar as principais sanções impostas, além das respostas estratégicas da Rússia.

Primeiramente, o estudo demonstrou que as sanções econômicas aplicadas à Rússia durante o conflito tiveram um impacto significativo, embora não absoluto, sobre sua economia. Essas medidas contribuíram para desestabilizar a econômica e intensificar a pressão sobre o *Kremlin*. No entanto, também evidenciaram a capacidade da Rússia de adaptar suas estratégias econômicas e políticas para mitigar os efeitos adversos. A eficácia das sanções como ferramentas de coerção estratégica foi avaliada por meio de dados econômicos e financeiros, mostrando que, apesar de suas limitações, desempenharam um papel crucial na resposta internacional ao conflito.

Em segundo lugar, a pesquisa destacou o papel crescente da estratégia não-militar na abordagem contemporânea de segurança e política. Demonstrou como ferramentas não-militares, como sanções econômicas, diplomacia e operações de influência, podem ser utilizadas eficazmente para alcançar objetivos estratégicos sem o uso direto da força militar. Essa compreensão é fundamental para a formulação de políticas que integrem uma abordagem multifacetada para enfrentar desafios globais e regionais.

Finalmente, a análise das principais sanções impostas à Rússia e das adaptações estratégicas do país proporcionou compreensões sobre a dinâmica do conflito e as respostas russas às pressões externas. O estudo ressaltou a importância de compreender as intenções geopolíticas por trás das sanções e as estratégias adotadas pela Rússia para enfrentar essas medidas. As lições aprendidas com a resposta russa às sanções têm implicações significativas para a formulação de estratégias futuras, especialmente no contexto brasileiro, onde a preparação e a resiliência frente a pressões externas podem ser aprimoradas.

A abordagem russa destaca a importância de uma estratégia clara e coesa, centrada na dissuasão nuclear e na modernização das forças armadas, especialmente da Marinha, com foco em capacidades avançadas e tecnologia de precisão. Em contraste, a estratégia brasileira revela lacunas significativas, como a falta de clareza nos documentos estratégicos, a baixa alocação orçamentária para a Defesa e uma visão menos integrada e prioritária da defesa nacional. Para melhorar, o Brasil deve adotar uma abordagem mais coerente e hierárquica, refletir mais claramente seus valores nacionais em seus documentos estratégicos e considerar um maior envolvimento político e social na formulação e execução de suas políticas de defesa. A modernização das Forças Armadas e uma percepção mais aguda das ameaças também são essenciais para fortalecer a segurança e a eficácia da estratégia nacional.

As sanções econômicas impostas à Rússia em 2022 como represália pela invasão da Ucrânia mostraram-se eficazes em desestabilizar sua economia, porém não foram suficientes para dissuadir completamente as ações ofensivas do país. A Rússia, por sua vez, demonstrou uma notável capacidade de adaptação ao implementar estratégias para mitigar os impactos das sanções, como a criação de corporações estatais em setores estratégicos e a modernização de sua gestão econômica.

Por outro lado, a industrialização brasileira apresenta um quadro distinto. Apesar de períodos de crescimento, o Brasil tem enfrentado uma dependência tecnológica e de capital estrangeiro, além de problemas estruturais e econômicos que impedem um desenvolvimento industrial autossuficiente e diversificado. A falta de uma política industrial consistente, aliada à desindustrialização e à dependência de *commodities*, resultou em uma fragilidade econômica e na incapacidade de criar uma base industrial sólida.

Ademais, a comparação entre as estratégias econômicas da Rússia e do Brasil sublinha a importância de políticas industriais robustas e adaptativas. Enquanto a Rússia demonstrou capacidade de adaptação e resiliência diante das sanções, o Brasil ainda enfrenta desafios significativos para superar sua dependência econômica e fortalecer sua base industrial. A análise sugere que, para enfrentar desafios futuros e promover um crescimento sustentável, o Brasil precisa revisar e fortalecer suas políticas industriais e de inovação, aprendendo com as estratégias de resiliência e adaptação observadas na Rússia.

## REFERÊNCIAS

ALLEN, S. H. The uncertain impact of sanctions on Russia. **Nature Human Behaviour**, v. 6, n. 6, pp. 761-762, 2022.

BABINA, T., HILGENSTOCK, B., ITSKHOKI, O., MIRONOV, M., & RIBAKOVA, E. (2023). Assessing the impact of international sanctions on Russian oil exports. **Available at SSRN**, 2023.

BBC. **As novas sanções contra a Rússia — e como essa estratégia está afetando a economia do país.** 2024. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cjk6dkke58zo>. Acesso em: 22 jul. 2024.

BIANCONI, R.; COUTINHO, M. “O desenvolvimento como processo de mudança cultural: as conexões entre excedente e estruturas sociais na visão de Celso Furtado”. **In Nova Economia**, v. 29, pp. 1141-1169, 2019.

BRASIL. **Carta das Nações Unidas.** 1945. Disponível em: <https://brasil.un.org/sites/default/files/2022-05/Carta-ONU.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2024.

CONSELHO DA UNIÃO EUROPEIA. **Sanções da UE contra a Rússia explicadas.** Disponível em: <https://www.consilium.europa.eu/pt/policies/sanctions-against-russia/sanctions-against-russia-explained/>. Acesso em 19 de abr. 2024.

COSTA, A C. da; ESTEVES, S. M. Conflito Rússia-Ucrânia – O impacto das sanções econômicas na Rússia – Uma revisão narrativa da literatura. **Revista de Ciências Militares**, v. XI, n. 2, 2023.

COSTA, Ingrid Taynara da Silva. **Sanções econômicas impostas à Rússia pela União Europeia em razão da invasão à Ucrânia em 2022.** 57 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Direito) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2023.

COUTAU-BÉGARIE, Hervé. **Tratado de estratégia**. Tradução de Brigitte Bentolila de Assis Manso et al. - Rio de Janeiro: Escola de Guerra Naval, v.1, 2010.

COUTINHO, F. P. A Agressão Russa à Ucrânia e o Direito Internacional: Uma Tragédia em Quatro Ato. **e-Publica**, v. 10, n. 1, 2023.

COUTO, A. C. Relações entre a estratégia e a política. **Revista Nação e Defesa**. Lisboa: Instituto de Defesa Nacional, 1982. pp. 113-127. Disponível em [https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/2878/1/NeD21\\_AbelCabralCouto.pdf](https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/2878/1/NeD21_AbelCabralCouto.pdf). Acessado em 22 de abril de 2024.

DIAS, V. A. Um ano de guerra na Ucrânia. Como chegámos aqui? Para onde estamos a ir? **Relações Internacionais**, v. 77, pp. 053-061, 2023.

DUCKENFIELD, M. Sanções Econômicas. **Military Review**, 2022.

FERREIRA, C. S. Lutas sociais e políticas na república oligárquica da Ucrânia. **Lutas Sociais**, São Paulo, v.20 n.37, p.183-197, 2016.

FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil**. 34<sup>a</sup>. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GAPSALAMOV, A.; VASILEV, V.; BOCHKAREVA, T. Industrial management system in russia: historical and comparative analysis. **Br. J. Ed., Tech. Soc.**, v.16, n.3, p.736-748, 2023.

GIUDICE, D. S.; BARBOSA, A. L. P.; NUNES, J. Questões geopolíticas na Ucrânia pré invasão Russa. **Editora e-Publicar – Geografia: Territorialidades, ocupações e transformações do espaço**, v. 1, 2023.

IBER, C. Sanções do Ocidente contra a Rússia: uma análise político-econômica. **Opinião Filosófica**, v. 13, 2022

KILIAN JUNIOR, R. Análise do Conflito entre Rússia e Ucrânia. **Desafios do Grupamento Operativo de Fuzileiros Navais: para atender ao amplo espectro do combate**, n. 53, 2022.

KAUSHAL, S. **The Death of Gorshkov's Navy: The Future of the Russian Surface Fleet**. [S.l.]: RUSI - The Royal United Services Institute for Defence and Security Studies, jun. 2022. Disponível em: <<https://rusi.org/explore-our-research/publications/commentary/deathgorshkovs-navy-future-russian-surface-fleet>>. Acesso em: 18 jun. 2022. Acesso em: 18 jun. 2024.

KONRAD, K. D. V.; LOURENÇÃO, H. J. O conflito na Ucrânia entre 2014 e 2018 e seu impacto na segurança internacional. **Braz. J. of Develop.**, Curitiba, v. 5, n. 8, p. 12906-12920, 2019.

LEMOS, José Késsio Floro. **A política energética da Rússia e sua estratégia de projeção internacional no espaço pós-soviético (2000-2020)**. 198 f. Tese (Doutor em Relações Internacionais) – UNESP/UNICAMP/PUC-SP, Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas, 2023.

LIEBEL, V.; CALDEIRA NETO, O. Uma visão do leste: Autoritarismo e conservadorismo na Ucrânia e na Rússia – Entrevista com Andreas Umland. **História e Cultura**, Franca, v. 5, n. 3, p. 388-401, 2016.

LOUREIRO, Felipe. **Reflexões sobre a longa história de construção nacional russa e ucraniana: do principado de Kiev ao governo de Volodymyr Zelensky**. In: LOUREIRO, Felipe. *Linha Vermelha: A Guerra na Ucrânia e as Relações Internacionais no Século XXI*, p. 45-66, 2022. Campinas: Editora Unicamp, 2022.

MACHADO, F. D.; SILVA, E. S. O da. O poder aeroespacial russo nas estratégias aéreas coercitivas da guerra da Ucrânia, entre fevereiro e outubro de 2022. **Revista Brasileira de Estudos Estratégicos REST**, v. 15, n. 29, 2023.

MAIA, Alícia de Moura; SÁ JÚNIOR, Edinaldo Benício de. **Sanções internacionais: Impactos frente ao conflito Rússia x Ucrânia**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Direito) - Centro Universitário do Rio Grande do Norte, 2022.

MARQUES, J. C. Operação militar, guerra ou invasão: As primeiras ações Russas na Ucrânia em 2022 segundo as capas de jornais do Brasil e Portugal. **Intercom, Rev. Bras. Ciênc. Comun.**, São Paulo, v. 46, e2023124, 2023.

MARTINS, Davi Moreira. **Sanções econômicas internacionais: Uma revisão de literatura sobre impactos, eficácia e consequências humanitárias**. 33 f. Trabalho de conclusão de curso (Bacharel em Ciências Econômicas) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2023.

MELO, Fabrício Gomes de. **Efeitos sobre o agronegócio: uma análise da comercialização de fertilizantes a partir das relações bilaterais entre Brasil e Rússia**. 47 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Tecnólogo em Comércio Exterior) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, Natal, 2023.

NOGUEIRA, Taís Rocha. **Análise da legalidade das sanções impostas contra Rússia a partir de fevereiro de 2022**. 43 f. Monografia (Bacharel em Direito) - Universidade Federal de Ouro Preto, 2023.

OLSSON, P.; DAHL, A.; JUNERFÄLT, T. **Defence Economic Outlook 2020 – An Assessment of the Global Power Balance 2010-2030**. FOI-R--5048-SE. [Estocolmo]: FOI - Swedish Defence Research Agency, 2021. 86 p. Disponível em: <https://www.foi.se/rest-api/report/FOI-R--5048--SE> . Acesso em: 03 jul. 2024.

PÂNGARO, E. L. A.; ALMEIDA, L. L.; BARBOSA, F. P. Uma análise da resposta do ocidente à invasão russa da Ucrânia sob o prisma da trindade da Guerra de Clausewitz. **Revista da Escola de Guerra Naval**, v. 29, n. 1, 2023.

RÁCZ, ANDRÁS, SPILLNER, OLE AND WOLFF, GUNTRAM B. "Why Sanctions Against Russia Work" **Intereconomics**, v. 58, n. 1, pp. 52-55, 2023.

REIS, Rodrigo Vieira da Luz dos. **Apelos à securitização: uma análise da justificção de intervenções militares na era Putin**. 67 f. Monografia (Bacharel em Relações Internacionais) - Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais - FAJS do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB), Brasília, 2023.

RÚSSIA. **Estratégia de Segurança Nacional da Federação da Rússia** (No original: Стратегия национальной безопасности Российской Федерации), 2021. 44 p. Disponível em: <http://scrf.gov.ru/media/files/file/l4wGRPqJvETSkUTYmhepzRochb1j1jqh.pdf>. Acesso em: 21 jul. 2024.

SAROTTE, Mary Elise. **Not one inch: America, Russia and the making of Post-Cold War stalemate**. New Haven, CT, and London: Yale University Press, 568, 2022.

SCHOTT, J. J. Economic sanctions against Russia: How effective? How durable? **Policy Brief**, PB 23-3, 2023.

SEGRILLO, A. A expansão da Otan e a Rússia: desvelando uma “unlove story” do pós-Guerra Fria à luz de fontes primárias. **Dossiê, Tempo**, v. 30, n. 1, 2024.

SEGRILLO, A. A guerra da Ucrânia: repercussões historiográficas no contexto da questão nacional. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 43, n. 94, 2023.

SILVA FILHO, Ezequiel Santana da. **Contribuição da estratégia naval de meios da Rússia para a do brasil, sob a ótica da neurociência: Um estudo dos documentos estratégicos russos e brasileiros publicados entre 2012 e 2022**. Dissertação (Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores) - Escola de Guerra Naval, Rio de Janeiro, 2022.

SILVA, Michelly Ferreira da. **A contribuição teórica Cepalina para as discussões sobre o desenvolvimento econômico**. 64 f. Trabalho de Conclusão (Bacharel em Ciências Econômicas) - Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2022.

SONNENFELD, J., TIAN, S., SOKOLOWSKI, F., WYREBKOWSKI M. & KASPROWICZ, M. Business retreats and sanctions are crippling the Russian economy. **SSRN**, 2022.

SOUZA, I. P. G.; ZUQUIM, P. C. C. As sanções primárias e secundárias aplicadas pelo office of foreign assets control (OFAC). **Comércio Internacional e Concorrência**, v. V, 2023.

SOUZA, Pamela Gomes. **Guerra híbrida na Ucrânia: Interferências externas e crise interna no conflito Russo-Ucraniano de 2022**. 74 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Relações Internacionais) - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Marília, 2023.

SOUZA, Rayssa Castro. **As consequências provocadas pelos conflitos armados que afetaram o modal aéreo**. 25 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Ciências Aeronáuticas) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2022.



TACOLA, A. B. G. A posição da Rússia na geopolítica mundial: Por que o ocidente não consegue impor sanções efetivas contra o país? **Revista de relações internacionais do Centro Universitário Belas Artes de São Paulo**, v. 16, n. 2, 2024.

TORRES FILHO, E. T. Sanções monetárias contra a Rússia mudam o cenário geopolítico: a bomba dólar e a desglobalização. **IE-UFRJ DISCUSSION PAPER**, 2024.

TOSTES, A. P.; THOMAZ, C. F. Ucrânia invadida: quando identidade e geopolítica se encontram na estratégia populista de Vladimir Putin Interseções. **Revista de Estudos Interdisciplinares**, v. 24, n. 1, 2022.

VIEIRA, C. A. C. História do pensamento econômico, historiografia e metodologia. 60 anos de Formação Econômica do Brasil: a construção interrompida na crise estrutural do capital. **XIV Congresso Brasileiro de História Econômica & 15ª Conferência Internacional de História de Empresas Varginha**, 2021.

WEDIN, Lars. **Estratégias Marítimas no século XXI: A contribuição do almirante Castex**. Rio de Janeiro: Escola de Guerra Naval, 2015. Disponível em: [biblioteca.sdm.mar.mil.br](http://biblioteca.sdm.mar.mil.br) . Acesso em: 21 de abr. 2024.